

## CAPÍTULO 1

### **CRIANÇAS NEGRAS: INFÂNCIA ROUBADA NA SOCIEDADE ESCRAVAGISTA E NA SOCIEDADE CONTEMPORÂNEA**

**Raimunda Débora Pinto Nascimento**

Pedagoga pela Universidade Vale do Acaraú

Pós-graduada em Coordenação e Gestão Escolar pela Faculdade Plus

Pós Graduada em Psicopedagogia pela Faculdade Plus

Especialização em Educação e Infantil e Ensino Fundamental pela Faculdade Plus

Especialização em Alfabetização e Letramento Faculdade Metropolitana

Pós Graduada em Neuroeducação Faculdade Metropolitana

Pós Graduanda em Neuroeducação (em conclusão) Faculdade Metropolitana

Pós Graduanda em Neuropsicologia e Neuropsicopedagogia (em conclusão)

Faculdade Metropolitana

Mestranda em Ciências da Educação pela UNADES (UNIVERSIDADE DEL SOL-Paraguay)

---

### **DELIMITAÇÃO DO PROBLEMA**

As crianças estão por toda parte. Nas escolas, ruas, praias, fazenda, shopping etc. Sabemos que elas têm destinos diversos. Existem as que só estudam, as que trabalham, as que brincam, as que roubam, as que tem famílias, as que vivem em orfanatos ou aquelas que simplesmente vivem nas ruas, sendo exploradas por terceiros e muitas vezes seus próprios pais.

Essas quase onipresença infantil nos leva a algumas questões. Será que as crianças sempre viveram assim? Será que todas tiveram ou tem as mesmas oportunidades? O lugar da criança branca e o mesmo lugar da criança negra na sociedade? Por que precisamos dá as crianças negras a visibilidade que elas merecem?

Precisamos entender que a história sobre a crianças no Brasil, assim como no resto do mundo, vem mostrando que existe uma enorme diferença entre o mundo infantil apresentado pelas organizações interacionais, ONG's ou por autoridades e aqueles no qual a criança encontra-se cotidianamente imersa.

O mundo do que a criança deveria "ser" ou "ter" é diferente daquele onde ela vive ou, na maioria das vezes sobrevive.

Neste trabalho de pesquisa, abordarei a questão da escravidão no Brasil no período colonial, no quetange às crianças negras e escravizadas. Meu objetivo é destacar alguns aspectos da infância dessas crianças que a história por muitas vezes não menciona, deixando-as de certa forma invisível.

Podemos verificar que a (in)visibilidade, vem sendo perpetuada ao longo de nossa história, pois ainda vivemos numa sociedade onde essas crianças sofrem diretamente com a inferioridade imposta culturalmente.

Não se pode conceber que em pleno século XXI ainda sejam tão visíveis a segregação por conta de sua cor ou raça. Precisamos urgentemente derrubar o muro que segrega PRETOS e BRANCO, sejam eles crianças ou adultos.

## **JUSTIFICATIVA**

Durante muito tempo, nas pesquisas em História da Educação, falas foram silenciadas e livros esconderam palavras de pessoas negras. Essa obscuridade foi amplamente denunciada e atualmente encontra-se num processo lento de superação, esse capítulo precisa ser reescrito. Este trabalho tem como objetivos apresentar alguns aspectos relacionados a infância das crianças negras e escravas no Brasil.

As informações mencionadas aqui destacam a realidade das crianças/escravizadas no Rio de Janeiro e no Ceará, considerada “Terra da Luz”, por historicamente ter sido o primeiro estado brasileiro a “libertar” seus escravos.

As fontes usadas como pesquisas são livros, materiais impressos, artigos e visitas ao Museu do Negro Liberto, situada na cidade de Redenção, no Ceará. Vale ressaltar que no que diz respeito a infância negra são poucas as fontes de pesquisa relacionadas ao tema. Como destaca Burke (2004), as crianças não são citadas com frequência em arquivos históricos.

Precisamos compreender o contexto histórico dessas crianças, entender que a infância das crianças negras/ escravas sempre foi muito diferente dos outros tipos de infância. Essas crianças herdaram a escravidão e isso se evidencia na realidade atual da sociedade brasileira. É latente que precisamos desconstruir esse sistema que nega veementemente as consequências da escravidão e suas sequelas, pois hoje crianças negras ainda vivem em desvantagens em relação as crianças brancas, frutos do sistema escravista brasileiro.

## **OBJETIVO GERAL**

Refletir sobre historiografia voltadas as crianças negras nos terras brasileiras, desde o período colonial até os dias atuais. Apresentar a história das crianças negras no Ceará e seu papel social na formação da população.

## **OBJETIVOS ESPECÍFICOS**

- Investigar o papel das crianças negras no período escravista e suas contribuições culturais/sociais;
- Identificar como viviam, o que faziam e como eram tratadas, as crianças no Brasil Colônia.
- Comparar como viviam e como vivem as crianças e como vivem as crianças negras no Brasil. O que mudou?

## **METODOLOGIA**

Buscando pesquisar a temática proposta este trabalho será pautado na investigação a respeito da linha de pesquisa mencionada. De forma a atingir com maior grau de veracidade e informação a respeito do tema proposto. Esse trabalho de pesquisa examinará com um olhar mais humano/investigativo situações referentes ao objeto de estudo.

Pesquisar em diferentes fontes históricas textos e/ou relatos a respeito do tema abordado. Visitação ao Museu Senzala do Negro Liberto, localizado no município de Redenção no estado do Ceará onde também viviam crianças negras advindas do tráfico escravista. O marco histórico desse local onde antes funcionava um engenho foi a concessão em 25 de março de 1883, de alforria a todos os negros cativos isto é, 5 anos antes de ser decretar a Lei Áurea. Essa cidade possui um grande número de descendentes africanos, sua população e predominantemente negra.

Investigar formas e meios de (re) construir e valorizar a pessoa negra, especialmente as crianças, tornando-as agentes e autoras de sua própria história, buscando alargar seus horizontes, oportunizando novas expectativas de um futuro melhor.

Nesse trabalho se faz necessário ser impessoal e neutra na emissão de opiniões, no entanto diante de tanto fatos discriminatórios ao longo do estudo, fica latente a problemática mencionada e a necessidade existente com relação a desmistificação da segregação existente.

## **REVISÃO DE LITERATURA**

Nossa história é marcada por mais de 300 anos de escravidão. A população escrava era formada por africanos trazidos em navios negreiros e/ou indivíduos já nascido no Brasil, chamado crioulos. O sistema colonial escravista, por sua violência considerava os africanos como destituídos de razão, alma e humanidade. Durante esse período, no regime escravista era natural a prática da escravidão, e tal fato era justificado de maneira religiosa. De acordo com Costa (2013, p.13). “Acreditava-se que era da vontade de Deus que alguns nascessem nobres, outros vilões, uns ricos, outros pobres, uns livres, outros escravos.” Outro argumento de ordem religiosa que se destacava para legitimar a prática escravista era a de que, tornando-se cativos de brancos cristãos os negros teriam acesso à religião cristã e passariam a fazer parte do Reino de Deus, sendo assim, no final das contas, um benefício o fato de terem sido feitos escravos. Dessa forma, “Muitos chegaram a justificar a escravidão, argumentando que graças a ela os negros eram retirados da ignorância em que viviam e convertidos a cristianismo.” (COSTA, 2010, p.13). No século XVIII com o surgimento das ideias revolucionárias na Europa, alguns religiosos começaram a questionar a autoridade da igreja e do poder dos reis.

No século XIX, a saída para os filhos dos pobres não seria a

educação, mas a transformação em cidadãos úteis e produtivos na lavoura, enquanto os filhos de uma pequena elite eram ensinados por professores particulares. Reclamada desde 1824 e criada em 1856 para atender as necessidades de uma população livre e vacinada a escola proibia seus assentos as crianças escravas. As pobres, provavelmente mulatas e negras, reservava espaço quando se tratava daquelas que demonstravam “acentuadas distinção e capacidade”. Examinando relatórios de mestre que lecionavam em Jacarepaguá, no Rio de Janeiro, no final do século XIX, Alessandra Martinez de Sheeler demonstra que, segundo esses relatos, uma parcela diminuta de alunos era constituída por libertos “pretos” além de um número de cor de “pardos”. A desigualdade social e racial era evidente, e o ensino público não era privilégio de todos. Diante da realidade de negação de direitos e de humanidade dos escravos, fica evidente o não registro de referências históricas sobre a vida das crianças negras e escravas, essa parcela da população representava um número reduzido de africanos que embarcavam nos navios negreiros, pois o maior interesse dos comerciantes eram homens adultos que apresentassem boa saúde e força, pois eles deveriam realizar braçais. Já as crianças não despertavam um valor direto, nem fonte de interesse.

A denominação negro(a) nasce, então como designador de inferioridade, expressão ressignificada como positiva relativamente a pouco tempo (e que ainda precisa ser cotidianamente trabalhada) e incutida em uma sociedade cheia de racismo e preconceitos, herdados ao longo da história. É preciso com urgência colocar o negro em seu lugar de destaque na sociedade.

Precisamos partir do pressuposto do conceito de infância e criança, é importante compreender que seu significado foi sendo modificado ao longo da história.

No decorrer da história os conceitos de criança e infância vêm sendo discutidos e apresentam diferentes significados. A criança deixa de ser considerada um ser “adultizado” e passa a ser visto como um indivíduo de direitos e singularidades. Pinto e Sarmiento (1997, p.15), destacam que novas investigações e estudos intensificados têm ressaltado o estado da criança como ser de direitos desde a barriga da mãe. A concepção da infância está sempre em construção, logo que perpassa por diferentes contextos dependendo da cultura, região, onde se encontra a criança na sociedade. Assim, afirma Andrade e Barnabé (2010) que O termo infância apresenta um caráter genérico, cujo significado resulta das transformações sociais, o que demonstra que a vivência infância modifica-se conforme os paradigmas do contexto histórico e outras variantes sociais com raça, etnia e condição social. (ANDRADE; BARNABÉ, 2010, p.55)

Segundo Goes e Florentino (2018, p.177). Cerca de apenas 4% dos africanos que desembarcavam eram crianças. A infância era vista como um momento de preparação para a vida adulta. Conforme indica Gilberto Freire (2013, p.499):

Os viajantes que aqui estiveram no século XIX são unânimes em destacar esse ridículo da vida brasileira: os meninos, uns homenzinhos à força desde os nove ou dez anos. Obrigados a se comportarem como gente grande.

A invisibilidade era a realidade das crianças livres e brancas na época do Brasil Colonial e no Império, imagina então como seria a situação da criança negra e escrava? Essa história foi completamente negada, sua (in)existência perpassa ao longo do tempo.

Sem direito à educação o lugar determinado para a criança negra era o trabalho forçado. Vale ressaltar que as crianças escravas não traziam consigo o sobrenome das famílias mas, sim o nome de ofício que desempenhavam, deixando assim mais evidente sua inexistência.

A realidade das crianças negras no Ceará, não se diferenciava em nada das crianças negras nas demais regiões brasileiras. Em visita cidade de Redenção – Ce, é visível a herança deixada, ela está presente por todos os lugares. Os negros que chegaram à cidade, antes conhecida como Acarape, desembarcaram no Mucuripe e se espalharam por muitos municípios cearense. Hoje ela é a cidade da região metropolitana de Fortaleza com o maior número de negros que moram nela. Isso também se dá pelo fato de contar com a Universidade de Integração Internacional da Lusofonia Afrobrasileira-Unilab, a universidade que recebe alunos em sua boa parte vindo dos continente africano, ressignificando assim sua história.

Hoje, a história e a sociedade contemporânea tentam dar a visibilidade roubada das pessoas negras que elas realmente merecem. Mas, ainda vivemos tempos sombrios para essa parcela da população, crianças negras ainda sofrem as sequelas dessa marginalização e isso está retratado por toda parte social, educacional, econômica, racial e religiosa. Especialmente na educação, ainda é a única forma que temos de tornar esse mundo tão desigual. A raça humana precisa compreender que o que nos torna especial são nossas diferenças, pretos ou brancos, ricos ou pobres.

É preciso tornarmos as crianças negras visíveis a sociedade, pois as consequências dessa invisibilidade histórica continuam latente. Refletirmos a sobre a importância e o papel da criança negra, sua história e sua contribuição são fundamentais para valorizarmos nossa sociedade.

## **REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS**

CALDAS, Aline Diniz Rodrigues et al. ***Mortalidade infantil segundo cor ou raça com base no Censo Demográfico de 2010***. Caderno de Saúde Pública, Rio de Janeiro.

DEMARTINI, Z. B. F. A escolarização da população negra na cidade de São paulo nas primeiras décadas do século. Revista da Associação Nacional de

Educação. 8 (14), 51-60.

DEBRET, Jean-Baptiste. **Viagem histórica pitoresca ao Brasil**. São Paulo: Martins Fontes, 1972. FREYRE, Gilberto. **Casa grande e senzala**. 52. ed. São Paulo: Global, 2013.

GÓES, J.R.; FLORENTINO, M. **Crianças escravas, crianças dos escravos**. In: PRIORE, M. D. (org.). *História das crianças no Brasil*. 7. ed. São Paulo.

GUTIÉRREZ, H. **O tráfico de crianças escravas para o Brasil durante o século XVIII**. R. História, São Paulo.

VIEIRA, Silva Maria. Negros no Ceará.

<http://cenpah.wordpress.com/2012/07/30/negros-no-ceara/>. Acessado em 20/06/2023.